

A desconstrução na nova literatura infantil brasileira

Jaquelânia Aristides Pereira
Universidade Federal do Ceará*

ABSTRACT: *Our work is a return for the analysis, under the prism of the Deconstruction, of the story O menino maluquinho, poetical narrative where Ziraldo deconstructs the spotless profile of the classic hero of the infantile literature, at the same time where occidental person allows the questioning of the rational education of the man.*

PALAVRAS-CHAVE: *literatura infantil; personagem; desconstrução.*

A literatura infanto-juvenil brasileira, produzida na última metade do século XX e herdeira do projeto estético e ideológico de Monteiro Lobato, tem adotado uma nova consciência na recriação da realidade, através de uma escrita que se deixa guiar pelo signo do questionamento, numa desconstrução de idéias cristalizadas na história do gênero literário, que atinge desde a noção de herói ilibado à constituição da linguagem poética.

Imbuída dessa consciência é que Ana Maria Machado, na maioria de suas novelas infanto-juvenis e Ziraldo, através de *O menino maluquinho*, entre outros autores, efetuaram a desmistificação de certos princípios literários e sociais petrificados ao longo da civilização ocidental. Em matéria de pioneirismo, Monteiro Lobato foi o desbravador dessa tendência na literatura infantil, quando, através da voz de Emília, personagem que se distancia dos padrões românticos de herói, ressaltou o desgaste de algumas fórmulas das narrativas populares.

A literatura infanto-juvenil de Ziraldo e dos novos escritores, que optam por uma postura desmistificadora de “verdades” naturalizadas na vida e na arte, encontra respaldo na teoria do filósofo francês Jacques Derrida (1930-), representante do movimento desconstrutivista. Em *De la Gramatologie* (1967), esse escritor pós-moderno questiona o fonocentrismo aplicado à linguagem e deixa-nos entrever, na malha de seu discurso, a rejeição aos princípios da centralização que têm regido o nosso pensamento e que têm sustentado as oposições binárias que, conforme Kanavillil Rajagopalan¹, longe de serem paritárias, se erguem sobre pressupostos hierárquicos os quais, geralmente, apresentam a superioridade do primeiro elemento como algo inerente e natural. Com a desconstrução, essas dicotomias são vistas como construções humanas e ideológicas e não mais algo detentor de atribuição inerente e fixa. Desse modo, o maior interesse dos desconstrutivistas é inquietar a estabilidade que habita em nossa forma de pensar o mundo, questionando a ideologia de nossos sistemas sociais, que, por natureza, são repressores das massas e do indivíduo.

Através da ótica desconstrutivista, as bases da sociedade moderna - fundadas a partir de uma moral, predominantemente, racional, que exclui o desejo, a empatia, a afetividade e os sentimentos, considerados manifestações irracionais e, portanto, inferiores – são interrogadas, mediante um discurso auto-reflexivo que questiona o fundamento do próprio pensamento. Essa renovação no pensamento ocidental faz-nos crer na possibilidade de construirmos um mundo menos centrado, que possa escutar e respeitar a polifonia de suas vozes.

Em relação à literatura infantil contemporânea, esse recurso de linguagem tem constituído um dos instrumentos fundamentais no processo de desvelamento do real e na busca de viabilizar a emancipação do sujeito. Ziraldo, por exemplo, através

de *O menino maluquinho* e de sua personagem homônima denuncia o poder disciplinar da sociedade sobre o indivíduo.

A desconstrução da personagem em *O menino maluquinho*

O herói do conto infantil *O menino maluquinho*, como o próprio título já sugere, escapa ao modelo de personagem oferecido às crianças até a década de oitenta do século XX, momento de sua publicação, com uma notável exceção à Emília, de Monteiro Lobato.

O maluquinho, de Ziraldo, apresenta, ao longo da narrativa, um comportamento subversivo em relação aos anseios da educação ocidental, pautada no adestramento radical da intencionalidade natural, força que impele a criança a interagir com o meio físico e social, a viver em permanente ebulição, guiada pelo impulso da descoberta e da criação lúdica. Com o seu personagem maluquinho, Ziraldo traz para o espaço literário a problemática do indivíduo que não se deixa enformar segundo a educação excessiva do instinto, subjugada ao racionalismo.

Ziraldo, nesse sentido, pode ser colocado ao lado de Monteiro Lobato, com uma diferença a seu favor: Lobato cria a personagem Emília como uma figura excêntrica que não se dobra ao modelo do “bem viver”, elaborado e imposto aos pequenos pela sociedade. A bruxinha de pano, feita por Tia Anastácia, é, na verdade, uma transgressora da moral tradicional ainda vigente na nossa atual sociedade. No entanto, a função transgressora de Emília é mantida pela sua condição de boneca. Desse modo, a personagem lobateana atribui a sua criadora, a Tia Anastácia, a razão do “desvio” de seu comportamento, fato que lhe assegura o alibi de “pintar o sete” sem precisar responder por seus desatinos, os quais se estendem desde o simples gesto de pôr a língua de fora para quem discorda de suas atitudes até ser malcriada, mandona, soberba, dissimulada e preconceituosa em relação à Tia Anastácia, além de agir com esperteza para garantir sucesso nos seus empreendimentos. Não obstante, é uma personagem fascinante que esbanja criatividade, inteligência, coragem e, sobretudo, liberdade no seu viver.

Ziraldo, por sua vez, atribui a razão da “maluquice” de sua personagem, criaturinha de carne, osso e coração, apenas ao natural impulso de viver que a leva a interagir com o ambiente que a envolve. As atitudes indisciplinadas de sua personagem são uma das formas de reagir contra as regras que inibem a espontaneidade e a liberdade de criação lúdica na criança.

A caracterização da personalidade maluquina do menino, na obra, é tecida a partir de uma linguagem bastante popular. Pode-se dizer que ela é o amálgama dos jargões populares bastante utilizados, ao longo dos tempos, pelos brasileiros na

* Mestranda em Literatura brasileira (UFC)

1 RAJAGOPALAN, Kanavillil. “A ética da desconstrução”. In: NASCIMENTO, Evando e GLENADEL, Paula (orgs). *Em torno de Jacques Derrida*, pp.117 – 124. 2 AUGUSTO, Sérgio. Uma palavra que trocou a academia pela rua. *O estado de São Paulo*, São Paulo, 5 de mar. 1998. Caderno 26 p.2.

caracterização de suas crianças, cujo comportamento não lhes agrada:

*Era uma vez um menino maluquinho
Ele tinha o olho maior que a barriga
tinha fogo no rabo
tinha vento nos pés
umas pernas enormes
(que davam para abraçar o mundo)
e macaquinhos no sótão
(embora nem soubesse o que
significava macaquinho no sótão).
Ele era um menino impossível! (p. 07 - 13)*

Essa caracterização, construída a partir de uma linguagem que, no decorrer dos anos, tem retido uma carga bastante pejorativa, guarda uma considerável distância em relação ao modelo de herói a que nossas crianças estavam habituadas. No entanto, Ziraldo não intenta apenas criar o seu personagem munido de tais atributos, porém deseja desconstruí-los, uma vez que visualiza no comportamento de maluquinho resultado de um desenvolvimento infantil saudável, garantia de uma infância feliz.

Em *O menino maluquinho*, Ziraldo libera das comportas da repressão adulta a criança mágica, criativa e espontânea, que apronta mil e uma travessuras, que ri com a boca cheia e que faz versinhos, compõe música e tira zero num tal de comportamento. Sua personagem é tocada de loucura, pelo menos em relação ao senso comum, daí ser apresentada como menino maluquinho. Mas essa loucura amável era uma amiga que livrava o menino das limitações externas, sentimento que recebeu a admiração do grande Horácio, na obra *Elogio e vitupério da loucura*, por proporcinar ao poeta um agradável extravio que o distanciava das preocupações terrenas, arrebatamento esse que fez brotar as mais belas obras de arte da humanidade.

Pearce³, estudando a criança mágica, adverte que o nosso tipo de educação, baseado, predominantemente, na inibição do hemisfério esquerdo, não tem sido capaz de respeitar a intencionalidade inata do infante e a sua necessidade de fantasia e de criação.

A essa educação, maluquinho não se curva, como também não se rendem a ela aqueles que procuram uma terceira margem do rio da vida para embarcar a sua canoa, imbuídos do desejo de superar os limites impostos pela lógica da razão, como fizera o personagem de Guimarães Rosa⁴ e como fazem os poetas e, em geral, os artistas e os loucos. Essas criaturas, mediante suas atitudes excêntricas diante da vida e do mundo, tocam a tranqüilidade daqueles que se deixam conduzir pelo poder disciplinar, na aceção de Michel Foucault⁵, poder emanado do interior das instituições modernas, entidades que, em pleno período de emancipação do sujeito, têm a vigilância sobre a vida, a moral e até mesmo os prazeres do indivíduo, desde o âmbito social ao privado.

Vista por esse ângulo, a análise da obra de Ziraldo convida-nos a realizar uma aproximação entre a criança, o poeta e o louco, numa trilogia consonante. O próprio escritor e cartunista deixou-nos indícios que autorizam essa análise, pois o protagonista de sua obra é uma criança que recebe o atributo de maluquinhão e ainda cria versinhos e recria o ambiente circundante. Em outras palavras, uma criança que se deixa conduzir por sua intencionalidade inata e que atravessa a infância como se fosse um momento de arrebatamento feliz, por ação e graça de uma loucura amável, que lhe proporciona liberdade e não a permite

guiar-se por princípios de conduta, culturalmente elaborados, os quais recalcam o seu movimento instintivo de interação com o mundo.

Ziraldo e Guimarães Rosa não são os únicos, no universo literário, que, de certa forma, fizeram a conclamação da loucura. Na era moderna, há uma verdadeira glamourização da mesma, visto que se almeja uma vida “irresponsável”, um pensamento livre, sem âncoras, numa crença em que a loucura pode trazer benefícios que a racionalidade não oferece. É esse benefício que Ziraldo deseja para nossas crianças, representado nas ações de seu menino maluquinho.

Uma das demonstrações desse pensamento sem âncora na fala e no comportamento do personagem maluquinho se realiza quando este, importunado com o silêncio, começa a gritar palavras desconexas entre si, mas que dizem respeito ao seu cotidiano: “banho não”, “brincadeira”, “cocô”, “bagunça”, “sujeira”, “esparadrapo”, “briga”, “pipi”, “rua”, “amigo”, “desenho”, “revistinha”⁶. Além disso, tudo que o maluquinho tocava também incorporava a sua maluquice:

*A pipa que O menino maluquinho soltava
Era a mais maluca de todas
Rabeava lá no céu
Rodopiava adoidado
Caía de ponta cabeça
Dava tranco e cabeça
E sua linha cortava
Mais que o afiado cerol. (p. 48)*

Todavia, essa loucura exaltada por Ziraldo, em momento algum, é danosa ao indivíduo e à sociedade. Trata-se apenas de uma forma leve e descontraída de viver, natural ao espírito do infante, em especial; é a expressão do direito da criança à brincadeira, tesouro abstraído do cotidiano das cidades modernas.

A leitura de *O menino maluquinho* nos reporta também para o exame da função do brincar no crescimento saudável das crianças. Erik Ericson⁷, retomando as interpretações de Freud sobre as razões do brincar, ressalta que, através da fantasia e da brincadeira, a criança domina a sensação de angústia e as situações conflitivas oriundas da vida real. Essa assertiva é baseada numa experiência relatada por Freud, em que uma criança supera o desconforto gerado pela ausência da mãe ao manipular um carretel de madeira enrolado a um barbante, fazendo-o desaparecer e reaparecer por entre as cortinas.

Consonante Paulo de Oliveira⁸, através da fantasia e do lúdico, a criança também reflete, ordena e reordena, destrói e reconstrói o mundo à sua maneira, ao mesmo tempo em que serve de instrumento catártico, permitindo à criança a liberação das suas emoções negativas.

Em *O menino maluquinho*, a personagem homônima, mediante o lúdico, recria a realidade que se lhe apresenta adversa, lembrando-nos do jogo do contente em *Pollyana*, de Eleanor R. Porter, obra publicada em 1913 e difundida entre nós, principalmente, pela tradução de Monteiro Lobato.

*Se tinha chuva
Ele queria inventar o sol
Pois sabia onde achar
O azul e o amarelo
(...)
Se, de repente
Ficasse muito vazio
Ele inventava o abraço*

3 PEARCE, Joseph Chilton. *A criança mágica: a redescoberta na natureza das crianças*, pp. 11-32

4 ROSA, Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: *Obra completa*, pp. 409-413

5 FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*, 1975.

6 ZIRALDO. *O menino maluquinho*, p. 45.

7 ERICSON, Erik. *Infância e sociedade*, p. 178.

8 OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Brinquedo e indústria cultural*, p. 25

*Pois sabia onde estavam
Os braços que queria
Se havia o silêncio
Ele inventava a conversa(...). pp. 40 - 45*

Assim, o que é aparentemente uma evasão da realidade, é, na verdade, uma forma especial de inserção no âmbito do real.

Na narrativa de Ziraldo, ao menino maluquinho é concedido o direito à brincadeira nas suas formas mais variadas: impinação de papagaio, jogo de futebol, subida em árvores, leitura de gibis e muitas outras atividades que, em geral, estão desaparecendo do cotidiano da criança moderna, em decorrência da perda da rua como espaço de lazer e encontro social.

A crescente perda do lúdico nas ruas das cidades traz prejuízo às crianças que estão confinadas, em sua maioria, às paredes do apartamento – em companhia da televisão, principal fonte de diversão moderna – e ao passeio automobilístico pelas avenidas ruidosas e agonizantes de nossas cidades. Nesse sentido, temos muito o que lamentar: exatamente num momento em que a criança ganhou o centro das atenções dos estudiosos, ela tem perdido o seu direito às brincadeiras e, conseqüentemente, à fantasia.

A leitura de *O menino Maluquinho* desperta-nos a sensibilidade de que a infância necessita ser apreendida também a partir de seu movimento biológico, ou seja, a partir de uma percepção que respeite o movimento natural de desenvolvimento da criança – a sua intencionalidade inata – energia que se plenifica no espaço lúdico. A infância, não há dúvidas, é uma etapa da vida do homem que, se bem vivida, será recordada com imensa satisfação e saudosismo, pressuposto para uma vida adulta harmônica, como aconteceu com o menino maluquinho:

*E, como todo mundo,
o menino maluquinho cresceu.
Cresceu
e virou um cara legal!
Aliás,
virou o cara mais legal
do mundo!
Mas, um cara legal, mesmo!
E foi aí que
todo mundo descobriu
que ele
não tinha sido
um menino
maluquinho
ele tinha sido era um menino feliz! (pp. 100– 107)*

Ziraldo, em *O menino maluquinho*, evidencia a importância da criança mágica para a plenitude do sujeito e faz-nos repensar sobre as práticas inibidoras de nossa educação, pautada excessivamente no uso da razão.

Referências bibliográficas

- AUGUSTO, Sérgio. Uma palavra que trocou a academia pela rua. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 5 de mar. 1998. Caderno 26 p.2.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.
- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil, juvenil: das origens indo-européias ao Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- ERICSON, Erik. *Infância e sociedade*. Tradução de G. Amado. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder* (org. e trad.: Roberto Machado). Rio de Janeiro: Edições Graal, 1975.
- KADOTA, Neiva Pitta. *A escritura inquieta: linguagem, criação, intertextualidade*. São Paulo: Estação liberdade, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. “Desconstruindo e pluralizando os gêneros”. In: *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 2. ed., Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- NASCIMENTO, Evando e GLENADEL, Paula (orgs). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- OLIVEIRA, Paulo de Salles. *Brinquedo e indústria cultural*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- PEARCE, Joseph Chilton. *A criança mágica: a redescoberta na natureza das crianças*. Tradução de Cinthia Barki. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.
- ROSA, Guimarães. “A terceira margem do rio”. In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Paródia, paráfrase e cia*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- ZIRALDO. *O menino maluquinho*. São Paulo: Melhoramentos, 1986.